

1 Introdução

Autorretrato. Uma fotografia, uma pintura, desenho. Autorretrato. Uma imagem. Imagem de alguém, imagem desse alguém feita por ele mesmo. Ele mesmo. O que será isso? Será possível isso? Ser eu mesmo. Definir eu mesmo. Um retrato de meu próprio rosto. Existe isso? Próprio rosto. Ele aparece no espelho. Será meu? Desconfio. Foi meu avô quem me fez desconfiar de coisas assim. A minha propriedade. Quando ele dizia, não era do rosto que falava. Eram as terras. Eram os direitos, educação, saúde. Era um sonho. Ver o povo de pés no chão alfabetizando-se. Alfabetizando-se, pois um ensinaria ao outro. Conhecimento também não é propriedade. Nem a escrita. É minha essa escrita? Quem é que sabe? Escrita acontece, acontece em mim, por mim e apesar de mim. Assim, como uma embolada. Faca, pés descalços, um calor da porra. Uma raiva. Um retrato.

Escrita de ponta de faca e ponta de pena. Alguém já disse isso. Rosto feito na ponta da faca, do lápis, da unha. Rosto feito no trajeto. Travessia. Palavra de João. Palavra de rio, de Diadorim. Palavra/texto produzindo espaço. O verbo faz espaço. Cria coisa que nem querendo, a gente pode abandonar. O verbo cria bicho e criaturas que nem com pau a gente se livra. Travessia foi o que aprendi no livro. O livro mais triste e bonito. Porque triste? Não sei dizer. Uma tristeza que, parece, faz a vida, hora ou outra. E nem não é. Um homem dizer a um corpo. “*Não sabia por qual nome chamar. Exclamei, me doendo: meu amor*” (Rosa, 1986, p530) ¹. Dói em mim também. Dói, não a história, dói escrita. Mas é uma dor que faz dizer “meu amor”.

Pense no porque disso estar aqui. Nem escrevo sobre Guimarães Rosa. Meu objeto, como se deve dizer, nem é o *Grande Sertão: Veredas*. Mas este texto que apresento foi escrito depois de um percurso. Travessia. No matulão², coisinhas que carrego. Umas me foram dadas pela formação, por professores desta casa. Outras, adquiridas por aí, encontros de “por aí”. Com gente e com texto. Foi o estudo, foi este livro, foi meu avô, que de certo modo me trouxeram aqui. De certo e de modo errado

¹ Cena do livro *O Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Nesse momento, Riobaldo vê o corpo morto de Diadorim e percebe ser um corpo de mulher.

² Uma espécie de bolsa para se carregar provisões.

também. Não errado, mas errante. Caminho por um pedaço de mundo e de tempo tão cheios de desvios. Às vezes, eu canso. Queria andar de bonde. Trilho certo.

E tem sentido, isso? Sei de sentido, nada. Sei de meu caminho, esse que ando bem perto do chão, olhando a estrada, sem vista chegar, muito a correr para frente. Este que tracei por estes corredores. Uma universidade. Essas falas e escritas vindas daqui e de fora daqui. Texto escrito, cantado, dançado. Foi o que vi.

Escuto e me lembro, uma canção pernambucana. Uma ciranda? Não sei, se é. Por qual nome chamar?

Era um caminho³
 quase sem pegadas
 onde tantas madrugadas
 folhas serenaram
 era uma estrada
 muitas curvas tortas
 quantas passagens e portas
 ali se ocultaram
 era uma linha
 sem começo e fim
 e as flores desse jardim
 meus avós plantaram
 era uma voz
 um vento, um sussurro
 relampo, trovão e murro
 nos que se lembraram
 uma palavra quase sem sentido
 um tapa no pé do ouvido
 todos escutaram
 um grito mudo
 perguntando aonde
 nossa lembrança se esconde
 meus avós gritaram.
 Era uma dança
 quase uma miragem
 cada gesto
 uma imagem
 dos que se encantaram
 um movimento
 um traquejo forte
 traçado, risco e recorte
 se descortinaram
 umasemente no meio da poeira

³ Canção “Vale do Jucá” de Siba. Disco Fuloresta do samba, 2002.

chã da lavoura primeira
 meus avós dançaram
 umapancada
 um ronco, um estralo
 um trupé e um cavalo
 guerreiros brincaram
 quase uma queda
 quase uma descida
 uma seta remetida
 as mãos se apertaram
 era uma festa
 chegada e partida
 saudações e despedida
 meus avós choraram.
 Onde estará
 aquele passo tonto
 e as armas para o confronto
 onde se ocultaram
 eo lampejo da luz estupenda
 que atravessou a fenda
 e tantos enxergaram
 ah! se eupudesse
 só por um segundo
 rever os portões do mundo
 que os avós criaram.

É uma música de Siba, do jeito que ele canta vai mudando o tempo do verbo. Para caber na melodia, se ouve “encantarão”, “chorarão”. A música fica em um tempo ambíguo entre passado e futuro. Por que tudo isso? Porque não se pode, ou fui eu quem não pôde escrever sobre autorretrato sem me colocar em autorretrato. Por que a escrita provocou outros escritos, outros ditos inscritos em mim, em Raïssa. E ela, a escrita, foi feita assim, desses arremedos, desses trapos de outras falas. Coisa que ouvi no caminho de minha vida, lembranças, invenções, aprendizados. Por vezes, me engano e ninguém disse nada. Mas parece que a voz vem de algum lugar. Seja eu, seja memória, seja o esquecido esse lugar.

Estas muitas vezes fizeram o texto e o texto seguiu fazendo-se ao mesmo tempo em que fazia este rosto, este retrato ao qual chamo autorretrato. Produzir o texto, a imagem e o conceito foram gestos que se misturavam.

Nesses anos que estive por aqui, entre os muros desta Universidade aprendi que a literatura faz pensar. Escrever teoria, lembrança ou ficção não estão necessariamente em caminhos diferentes. Não é sempre preciso andar em linha reta.

O título deste trabalho é Autorretrato, esta é a palavra escrita e inscrita em sua capa. Me coloco diante desta tarefa: pensar e escrever sobre esta categoria do retrato. O primeiro impulso foi tentar produzir uma imagem. Simplesmente postar-me diante da câmera e sacar uma foto de meu próprio rosto. Deixei o espaço em volta de mim vazio, olhei para a lente e esperei o tempo necessário. Poucos segundos e a foto foi sacada. Depois fiquei diante de meu próprio rosto e olhei. Desta sequência de gestos surgiu uma série de questões.

O que constitui um autorretrato? Como chamar de “eu mesmo” um objeto destacado de meu corpo? Este objeto-fora, este rosto, ele vê? Meu rosto está na foto e está também ausente dessa foto. Em que isso implica? Como se dá essa presença do ausente? Me vi, primeiramente enredada por essas perguntas, dúvidas que surgiam diante de mim a cada passo dado em direção a feitura de um autorretrato. Reuni as questões e busco desenvolvê-las aqui, em forma de capítulos. O primeiro, sobre o olhar e o rosto; o segundo, sobre o retrato e sua relação com a morte; o terceiro, sobre o estranhamento provocado pelo deslocamento do rosto/retrato; e, finalmente, o quarto. Este se aproxima de uma conclusão, embora não possa dizer que algo seja de fato concluído. O quarto capítulo fala sobre a superfície e sobre como o autorretrato se inseriria neste espaço: o da superfície.

Essas questões são desenvolvidas nestas páginas. Desenvolvidas desta forma: forma de pensamento que se mistura à forma de escrita. Jeito de se estar e se fazer no mundo. Coisa aprendida dentro das salas desta casa. Nas aulas de Marília, Ana, Helena e tantos outros. Nos encontros dos alunos, nas brigas, nas revoltas e nos cafês.

As questões vão surgindo em forma de capítulos, de imagens, de pequenas narrativas. O olhar, o retrato do morto, o estranho, a superfície, a escrita... Mais não digo aqui. Sigam a leitura. Descubram as ideias do texto. Leiam.